





# A GRANDE MAGIA





Elizabeth Gilbert

# A GRANDE MAGIA

Tradução de  
RENATA TELLES



A GRANDE MAGIA  
Título original: *Big Magic*  
Copyright © 2015, Elizabeth Gilbert  
Todos os direitos reservados

© desta edição:  
2016, Penguin Random House,  
Grupo Editorial Unipessoal, Lda.  
Av. Duque de Loulé, 123  
Edf. Office 123 — Sala 2.5  
1069-152 Lisboa  
correio@penguinrandomhouse.com

Tradução: Renata Telles  
Revisão: Alice Soares  
Paginação: Teresa Coelho  
Capa: Pedro Aires Pinto

1.ª edição: Fevereiro de 2016  
ISBN: 978-989-665-055-1  
Depósito legal: 404766/16

Impressão e Acabamento:  
Printer Portuguesa

Distribuição:  
VASP  
Tel.: 214 337 000  
geral@vasp.pt

Objectiva é uma chancela de:

Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

*Este é para ti, Rayya*

P: O que é a criatividade?

R: É o relacionamento entre um ser humano e os mistérios da inspiração.



# *Sumário*

PARTE I

Coragem

**11**

PARTE II

Encantamento

**39**

PARTE III

Permissão

**89**

PARTE IV

Persistência

**147**

PARTE V

Confiança

**209**

PARTE VI

Divindade

**277**



Coragem





## Tesouro escondido

**E**ra uma vez um homem chamado Jack Gilbert, que, infelizmente, não era meu parente.

Jack Gilbert foi um grande poeta, mas, se nunca ouviu falar dele, não se preocupe. A culpa não é sua. Ele nunca fez grande questão de ser conhecido. Mas eu conhecia-o — embora não pessoalmente — e nutria por este homem um grande afecto. Vou então falar-lhe um pouco a respeito dele.

Jack Gilbert nasceu em Pittsburgh, em 1925, e cresceu no meio do fumo, do barulho e do complexo industrial da cidade. Trabalhou em fábricas e siderurgias quando era jovem, mas desde cedo demonstrou vocação para escrever poesia. Aceitou, sem hesitar, o chamamento da vocação. Encarou a poesia da maneira como outros homens encaram o acto de se tornarem monges: como uma prática de devoção, um acto de amor e um compromisso vitalício com a busca da graça e da transcendência. Imagino que essa seja uma excelente maneira de alguém se tornar poeta. Ou, para falar a verdade, de se tornar qualquer coisa que inspire o seu coração e lhe dê vida.

Jack poderia ter sido famoso, mas não era essa a sua intenção. Tinha talento e carisma para a fama, mas nunca teve interesse nela. A sua primeira colectânea de poemas, publicada em 1962, venceu o prestigioso prémio de Yale para jovens poetas e foi nomeada para o Pulitzer. Como se não bastasse, conquistou ainda público e crítica, tarefa nada fácil para um poeta no mundo moderno. Havia nele algo que atraía as pessoas e as mantinha

cativadas. Era bonito, intenso, *sexy* e brilhante em palco. Um íman para as mulheres e um ídolo para os homens. Em fotografias tiradas para a revista *Vogue*, aparece lindo e com um ar romântico. As pessoas eram loucas por ele. Poderia bem ter sido uma estrela de *rock*.

Em vez disso, desapareceu. Não queria que a comoção desviasse a sua atenção. Anos mais tarde, afirmou que achava a sua fama entediante — não porque fosse imoral ou pudesse corrompê-lo, mas pelo simples facto de que era exactamente a mesma coisa todos os dias. Buscava algo mais profundo, mais substancial, mais variado. Então largou tudo. Foi viver para a Europa e por lá ficou durante vinte anos. Morou algum tempo na Itália e na Dinamarca, mas passou a maior parte dessas duas décadas na Grécia, numa cabana no cimo de uma montanha. Lá contemplava os mistérios eternos, assistia à mudança da luz e escrevia os seus poemas sem ser incomodado. Teve as suas histórias de amor, os seus obstáculos, as suas vitórias. Foi feliz. Conseguiu sustentar-se fazendo trabalhos esporádicos aqui e ali. Precisava de pouco. Deixou que o seu nome fosse esquecido.

Após duas décadas, Jack Gilbert ressurgiu e publicou outra colectânea de poemas. Mais uma vez, o mundo das Letras se apaixonou por ele. Mais uma vez, teve a oportunidade de ser famoso. Mas voltou a desaparecer — e desta vez por uma década. Esse padrão repetia-se sempre: isolamento seguido da publicação de algo sublime, seguida de mais isolamento. Era como uma orquídea rara, florescendo apenas de muitos em muitos anos. Nunca fez o menor esforço para se promover. (Numa das poucas entrevistas que Gilbert deu na vida, perguntaram-lhe em que medida achava que o seu distanciamento do mundo editorial tinha afectado a sua carreira. Ele riu e disse: «Imagino que tenha sido fatal.»)

A única razão pela qual ouvi falar de Jack Gilbert foi o facto de ele voltar aos Estados Unidos já bem tarde na vida e — por motivos que nunca conhecerei — aceitar um cargo temporário

de professor no departamento de Escrita Criativa da Universidade do Tennessee, em Knoxville. Por acaso, no ano seguinte, 2005, aceitei exactamente o mesmo cargo. (Pelo *campus* começou a correr a piada de que aquela era a «cátedra Gilbert».) Encontrei os livros de Jack Gilbert na minha sala — a mesma sala que ele ocupara. Era quase como se eu ainda pudesse sentir o calor da sua presença naquele lugar. Li os seus poemas e fui arrebatada pelo esplendor e pela forma como a sua poesia me fazia lembrar a de Whitman. («Precisamos de assumir o risco do júbilo», escreveu. «Precisamos de, no meio das cruéis provações deste mundo, ter a obstinação de aceitar a nossa felicidade.»)

Ele e eu tínhamos o mesmo sobrenome, tínhamos ocupado o mesmo cargo e a mesma sala, ensinado muitos dos mesmos alunos, e eu estava apaixonada pelas suas palavras; naturalmente, comecei a desenvolver uma profunda curiosidade a respeito dele. E fui perguntando: Quem era Jack Gilbert?

Os alunos contaram-me que era o homem mais extraordinário que alguma vez tinham conhecido. Parecia não ser deste mundo. Parecia viver num constante estado de encantamento e incentivava-os a fazerem o mesmo. Não os ensinou exactamente *como* escrever poesia, disseram, mas *porquê?* Pelo júbilo. Pela felicidade obstinada. Disse-lhes que precisavam de viver com o máximo de criatividade para se defenderem das cruéis provações deste mundo.

Acima de tudo, porém, pedia aos alunos que fossem corajosos. Sem coragem, nunca conseguiriam concretizar a vasta extensão das próprias capacidades. Sem coragem, nunca conheceriam o mundo de maneira tão rica quanto ele anseia ser conhecido. Sem coragem, as suas vidas permaneceriam pequenas — muito mais pequenas do que provavelmente queriam que fossem.

Nunca conheci Jack Gilbert pessoalmente, e ele já partiu — faleceu em 2012. Eu poderia ter assumido a missão pessoal de o ter procurado e conhecido enquanto foi vivo, mas nunca quis.

(A experiência ensinou-me a ser cautelosa sempre que se trata de conhecer os meus heróis; pode ser extremamente decepcionante.) De qualquer forma, sempre gostei da maneira como ele vivia dentro da minha imaginação, com uma enorme e poderosa presença, construída a partir dos seus poemas e das histórias que eu tinha ouvido a respeito dele. Então decidi conhecê-lo somente dessa maneira — através da imaginação. E é aí que ele ainda se encontra para mim até hoje: vivo dentro de mim, completamente interiorizado, quase como se fosse um produto dos meus sonhos.

Mas jamais esquecerei o que o verdadeiro Jack Gilbert disse a outra pessoa — uma pessoa de verdade, de carne e osso, uma tímida estudante da Universidade do Tennessee. Essa jovem contou-me que, certa tarde, depois da aula de Poesia, Jack a chamou à parte. Elogiou o seu trabalho e depois perguntou o que queria fazer da vida. Hesitante, a aluna admitiu que talvez quisesse ser escritora.

Ele sorriu-lhe com infinita compaixão e perguntou: «Tens a coragem necessária? Tens coragem de deixar vir à tona esse trabalho? Os tesouros escondidos dentro de ti estão à espera que digas *sim*.»

## O que é viver criativamente

**E**sta, acredito, é a pergunta central da qual depende toda a vida criativa: *Tem coragem de deixar vir à tona os tesouros que estão escondidos dentro de si?*

Olhe, não sei o que está escondido dentro de si. Não tenho como saber. Talvez até mesmo o leitor mal o saiba, embora eu suspeite de que já tenha tido vislumbres. Não conheço as suas capacidades, as suas aspirações, os seus desejos, os seus talentos escondidos. Mas há, com certeza, algo maravilhoso guardado dentro de si. Digo isto com total confiança, pois acredito que somos todos repositórios ambulantes de tesouros escondidos. Acredito que essa seja uma das partidas mais antigas e generosas que o Universo nos tem pregado, a nós, seres humanos, tanto para sua própria diversão quanto para a nossa: ele enterra estranhas jóias bem no fundo de todos nós, depois afasta-se e fica a observar para ver se conseguimos encontrá-las.

A caça para encontrar esse tesouro: isso é viver criativamente.

A coragem, para início de conversa, de se lançar nessa caça: isso é o que separa uma existência mundana de uma existência mais mágica.

Os resultados dessa caça, muitas vezes surpreendentes: é a isso que chamo Grande Magia.

